



O manifesto “Corpo-a-corpo com a vida” e a obra jornalística de João Antônio¹

Jônatas Oliveira da COSTA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Jornalismo e literatura convergem na obra do escritor João Antônio. Neste artigo, apresenta-se um olhar sobre seu texto jornalístico, publicado em jornais, livros e revistas. Por meio de pesquisa bibliográfica e análises qualitativa e comparativa, buscou-se examinar as ideias defendidas no texto-manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, escrito por João Antônio, em 1975, e verificar sua presença em uma amostra de reportagens assinadas por ele.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; manifesto; social; narrativa.

JORNALISMO E LITERATURA NA OBRA DE JOÃO ANTÔNIO

João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) nasceu em São Paulo, capital, oriundo de uma família de pequenos comerciantes do subúrbio paulistano. Radicou-se na cidade do Rio de Janeiro, onde passou grande parte da sua vida – até falecer, em seu apartamento, em Copacabana. João Antônio foi um escritor que, por força do contexto em que construiu sua trajetória e assim como outros pares de sua época, enveredou pela carreira jornalística, sem jamais abandonar a literatura. Durante toda a vida, conjugou as duas atividades, enriquecendo uma e outra com as influências que ambas sofriam. Desde *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), sua estreia de sucesso – premiada, inclusive, com o Prêmio Jabuti de Literatura – já expressava preocupação em retratar o dia-a-dia das classes mais baixas da sociedade, do submundo.

João Antônio começou sua carreira publicando contos em jornais, como *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*. Como repórter, editor ou colaborador, atuou nas redações do *Jornal do Brasil*, dos jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *O Pasquim*, das revistas *Realidade* e *Manchete* e do *Livro de Cabeceira do Homem*, entre outros. Foi o criador da expressão “imprensa nanica”, a respeito do jornalismo alternativo e independente dos anos 1970, e colaborou com vários tablóides desse jornalismo

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012

²Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS, e-mail: jocosta21@gmail.com.



paralelo. Ao longo de sua carreira jornalístico-literária, lançou diversas obras, como: *Leão-de-chácara* (1975); *Malhação do Judas Carioca* (1975), *Lambões de Caçarola* (1977), *Ô Copacabana!* (1978), *Dedo-duro* (1978), *Abraçado ao meu rancor* (1986) e muitos outros, até o ano de sua morte (1996) quando publica *Dama do Encantado*, seu último livro, de contos e reportagens.

Para a *Realidade*, produziu grandes reportagens, como: “É uma revolução”, “Ela é o samba”, “Quem é o dedo-duro?”, “Pequeno prêmio”, “Um dia no cais” e “Casa de loucos”. É sobretudo nas décadas de 1960 e 1970 que João Antônio desenvolve com mais intensidade o seu trabalho de repórter. Porém, sua trajetória profissional deixa claro que ele jamais fez questão de manter a literatura afastada de sua produção jornalística. Trabalhou numa e noutra área sem fazer distinções, diferentemente de outros escritores.

No caso de João Antônio, a experiência literária não só dispensa a tarefa de ocultação do traço jornalístico, mas mostra que dela retira muito de sua força. Ou seja, a vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão poderosa (BULHÕES, 2007, p.182).

Construiu sua carreira num período de contestação aos modelos de jornalismo vigentes, portanto, encontrou um ambiente favorável ao tipo de texto que, propositalmente, ou envolvido pelo contexto da época, produzia.

A atividade jornalística de João Antônio relaciona-se com a produção literária, chegando a um ponto no qual o escritor não diferencia uma da outra. Percebemos que o olhar do repórter João Antônio influenciou o contista e vice-versa (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 13).

João Antônio imprimiu características literárias às grandes reportagens que fez para jornais e revistas. Porém, procurou diferenciar-se exatamente pela linguagem livre, ao extremo, e próxima do palavreado de seus retratados. Independentemente de se no jornalismo ou na literatura, ou ainda na mistura de ambos, João Antônio tornou-se conhecido por revelar personagens do submundo: marginais, descamisados, proletários e outros que habitam as periferias das grandes cidades.

Os seus contos exploram quase sempre o chamado submundo, o outro lado que pagamos para não ver, ou para ver do palanque armado pelos distanciamentos estéticos. Mas ele nos arrasta para o centro da arena, por que é onde se instala,



sem desprezo nem complacência, a fim de criar uma espécie de normalidade do socialmente anormal, fazendo com que os habitantes de sua noite deixem de ser excrescências e se tornem carne da mesma massa de que é feita a nossa (CANDIDO, disponível em <www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio>).

O crítico Paulo Rónai³ destacou:

As personagens, que às vezes se confundem com o autor, são em sua maioria do submundo: jogadores de sinuca, prostitutas, traficantes, alcagüetes; há também gente do futebol, da música popular e da publicidade - todas visceralmente identificadas com o seu meio de vida e de morte, que lhes modula os sentimentos e a fala, em perpétua revolta contra a sociedade, cuja pressão os esmaga, sejam eles marginais ou não. Com sua fala nervosa, explosiva, brutal, elas nos agridem, e nos forçam a darmos um mergulho, queiramos ou não, em seu ambiente. Tal um novo "Boca do Inferno", o autor cataloga seus rancores, vomita a sua indignação, resmungando pragas e palavrões.

Ressalte-se, ainda, o comentário de Ricardo Ramos⁴, escritor, filho de Graciliano Ramos:

Mais que um anti-retórico, João Antônio encarna e atualiza essa inclinação severina, ou fabiana, para os nossos eternos descamisados. A gente que povoa um morro, um beco, um cinema paulistanos; a feira, o bairro, a praça cariocas; e ladeiras, e poeiras, e pulgueiros baianos. Entrelaçados, vivamente, nas suas vibrações.

No Trabalho de Conclusão de Curso *O jornalismo de João Antônio: Um corpo-a-corpo com a vida* (COSTA, 2010), o pesquisador procurou trabalhar com a obra jornalística do escritor João Antônio. Para tanto, usou como base de sua análise o texto "Corpo-a-corpo com a vida", publicado em 1975, no livro *Malhação do Judas Carioca*, uma espécie de manifesto no qual o autor defende um modo de se fazer literatura e jornalismo.

Caso um texto pudesse dizer exatamente como João Antônio entendia a relação entre literatura e jornalismo, este só poderia ser "Corpo-a-corpo com a vida", uma espécie de manifesto datado de novembro de 1975 e publicado em *Malhação do Judas Carioca*. Nele, o escritor mostra claramente como entendia o seu próprio trabalho na literatura e no jornalismo (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 122).

³ Disponível em: <www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio>. Acesso em: 20 abr. 2012.

⁴ Idem.



O manifesto traz as bandeiras que João Antônio erguia sobre sua profissão, ligadas à escolha de temas que retratassem a realidade brasileira de seu tempo, com uma linguagem menos pomposa e mais próxima da dos personagens (COSTA, 2010).

O objetivo do trabalho é apresentar um exame da produção jornalística do escritor. Em 2010, o pesquisador viajou para Assis, no interior paulista, a fim de conhecer o Acervo João Antônio, mantido pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Ao longo de dois dias, colheu todo o material possível de interesse para a investigação.

João Antônio conservou quase a totalidade do que era publicado, a seu respeito ou escrito por ele, em jornais, livros e revistas. O Acervo também possui anotações do escritor, cartas e sua biblioteca pessoal, que contém, junto com outros documentos, livros autografados por autores que mantinham relação de amizade com ele. Por meio de fotocópias e fotografias de sua produção, obteve-se uma quantidade razoável de textos, sobre os quais se trabalhou, procurando-se enfatizar a produção jornalística do autor (COSTA, 2010, p.12).

O pesquisador participou, ainda, em 2010, do Encontro João Antônio, promovido pelo Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e pelo Acervo João Antônio (CEDAP/UNESP), que ocorre anualmente. Naquele ano, o evento aconteceu na Universidade de São Paulo (USP). Foram dois dias de palestras e discussões acerca da obra do escritor. Os participantes eram especialistas (graduados, mestres e doutores) no assunto, entre eles, Rodrigo Lacerda e Jiro Takahashi, editores de livros do autor, e Vilma Arêas, estudiosa do tema. O evento acrescentou contribuições intelectuais para a pesquisa.

O estudo apresenta ampla pesquisa bibliográfica acerca das convergências históricas entre jornalismo e literatura, especialmente no Brasil. O intuito é contextualizar a obra jornalístico-literária de João Antônio e trazer outras análises sobre o tema, como as feitas por Tom Wolfe, John Hollowell, Rildo Cosson e Marcelo Bulhões. O trabalho também traz uma visão de experiências literárias próximas do jornalismo, como o Naturalismo de Émile Zola e obras dos brasileiros Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Lima Barreto. Nele, há uma análise qualitativa do manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”. As ideias defendidas no texto foram divididas em seis categorias. Por comparação, verificou-se a presença dessas premissas em uma amostra de 11 reportagens de autoria de João Antônio, em nova análise.



A seguir, será apresentada a categorização proposta a partir a análise de “Corpo-a-corpo com a vida”, com citações de trechos do manifesto que embasaram as escolhas das seis categorias:

1. Combate à preocupação com formas ligadas apenas a movimentos literários, em detrimento de conteúdos que contemplem a realidade social brasileira.

Grande parte dos escritores que depõem hoje sustenta preocupação vinculada à forma, sob a denominação de um ismo qualquer. Lamentável ou incrível. As posições beletísticas não mudaram entre nós, sequer um milímetro, nos últimos quinze anos.

Mas é de uma simplicidade alarmante. O distanciamento absurdo do escritor de certas faixas da vida deste país só se explica pela sua colocação absurda perante a própria vida. Nossa severa obediência às modas e aos ismos, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual, ainda vai muito acesa (ANTÔNIO, 1975, p. 143).

2. Literatura com forma e conteúdo brasileiros, que reflita a vida do povo do país.

O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. O que é diferente de publicar livros, e muito. Daí saltarem dois flagrantes vergonhosos – o nosso distanciamento de uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. E é devido a tal carência que, de um lado, não temos conteúdo, e de outro, nem temos forma brasileira. Pois que, a forma, resulta de uma posição intelectualizada e fornece uma falsa estética, importada, empostada, mal adquirida, sujeita a todas as ondas e sempre mal digerida (ANTÔNIO, 1975, p. 143).

3. Escolha de personagens excluídos do sistema social: descamisados, marginais, representantes das mais baixas classes brasileiras.

Não é possível produzir uma literatura de heróis taludos ou de grandiosidade imponente, nem horizontal, nem vertical, na vida de um país cujo homem está, por exemplo, comendo rapadura e mandioca em beira de estrada e esperando carona em algum pau-de-arara para o Sul, já que deve e precisa sobreviver (ANTÔNIO, 1975, p. 144).



4. Ponto de vista de dentro para fora, numa nova postura do escritor, agindo como um observador participante, ou seja, como o autor defende, um “corpo-a-corpo com a vida brasileira.

Já o como fazer essa literatura me parece implicar, enquanto se pretenda retratar o mundo que nos cerca, na necessidade do invento ou desdobramento de uma nova ótica, nova postura diante dos acontecimentos. Trocando em miúdos: um sujeito pensante não poderia mais, pelo menos conscientemente, ver, sentir e retransmitir um crime do Esquadrão de Morte, por exemplo, pela ótica costumeira ou por alguma das óticas tradicionais. Mas sim, tentaria no fundo enxergar e transmitir um problema velho, visto com olhos novos. Novos, mais sérios, mais atraídos, sensíveis, fecundos, rasgados, num corpo-a-corpo com a vida. Jamais como um observador não participante do espetáculo (ANTÔNIO, 1975, p. 146).

5. Mistura de jornalismo e literatura.

Quem diz literatura americana, tem de observar que o aspecto também italiano ou alemão [sic]. E, nessas nacionalidades, jornalismo e literatura andam se misturando na proporção do despropósito. Ou do propósito completo, se quiserem. Não me negue ninguém que uma matéria sobre o bebê proveta [sic], por exemplo, feita por Der Spiegel não seja um misto de ensaio científico, com jornalismo e certa dose ficcional. Quem fala em bebê proveta [sic], fala também da morte, etc. Não é possível omitir a contribuição de Vasco Pratolini, há mais de dez anos, fazendo conto-reportagem para as revistas italianas. Nem é preciso falar no Hemingway jornalista (ANTÔNIO, 1975, p. 147).

6. Forma determinada pelo tema e pelo contexto em que ocorre a apuração dos fatos.

Do ponto de vista da forma essa nova linha de ideias favorece e até obriga o surgimento de um novo processo. Desaparece a forma apriorística, que passa a ser determinada pelo próprio tema. O escritor não pode partir com uma forma pronta. Ela será dada, exigida, imposta pelo próprio tema e com esse elemento de certa novidade, é possível admitir também que cada novo tema tratado jamais deixará de surpreender o escritor. O tema passa a flagrar o desconhecimento do escritor, uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada (ANTÔNIO, 1975, p. 149).

O que se pretende, nesse estudo, é verificar, no próprio trabalho de João Antônio – mais especificamente na sua produção jornalística – o quanto dessas seis categorias estão presentes.

Na amostra escolhida para o estudo, o pesquisador procurou dar ênfase à produção jornalística do escritor e alcançar uma gama de reportagens de diferentes



períodos da carreira do escritor, feitas para várias publicações. Com essa amostra, de 11 textos, pretende-se ter abrangido as diversas fases e veículos da obra jornalística de João Antônio e, portanto, fazer um estudo comparativo mais prudente, diminuindo o risco de uma análise tendenciosa (COSTA, 2010). A seguir, apresentar-se-á um pequeno resumo das reportagens que compõem o *corpus* do estudo.

1. “A Lapa acordada para morrer” (ou “A Lapa antiga e a Lapa na hora da morte”)

Esta reportagem foi feita por João Antônio para o *Jornal do Brasil*, em meados de 1964, e retrata o bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, num resgate histórico, desde o seu nascimento, no século XVIII, até a década de 1960. O escritor apresenta as muitas fases da vida do bairro, com foco no início do século XX até 1940, quando a Lapa era ambiente de boemia, malandragem e prostituição, frequentada por músicos, escritores e outros artistas. Contudo, a tônica do texto é mostrar a decadência do bairro, a partir da década de 1940, com a ascensão de Copacabana.

– Quem vai à Lapa deixa a alma em casa.

É balela. Esse antigo código da noite na Lapa tenta ainda se sustentar na boca dos cronistas e guias anônimos, arremedando o apogeu valente e malandro de uma Lapa que não existe mais e, quando muito, imita a si mesma, olhos compridos no passado (ANTÔNIO, 1967, s.p.).

A partir daí, João Antônio traça o perfil da Lapa dos anos 1960, “na hora da morte”, quando teria perdido seus malandros e seu romantismo.

2. “Nélson Cavaquinho vai cantando a dor dos outros”

Nesta reportagem, publicada na revista *Guanabara*, João Antônio faz um perfil do cantor e compositor Nélson Cavaquinho, autor de clássicos do samba, como “A flor e o espinho”. A trajetória do artista é contada desde a infância, passando pelos vários empregos na juventude, até 1967, ano da entrevista, em que ele já alcançava os 57 anos. O perfil relata toda a carreira de Nélson Cavaquinho: os primeiros contatos com a música e com o instrumento que viraria seu “sobrenome”, a consagração de ser gravado pelos grandes nomes da música nacional e o período em que foi presença garantida no palco do Zicartola e em palcos menos nobres, nas boates da Zona Sul, ou mesmo tocando de graça, “no primeiro boteco que encontrasse”. A reportagem é um olhar sobre a vida e a obra do compositor, traçando relações entre essa e aquela.



3. “Quem é o dedo-duro?”

Publicado em *Realidade*, em 1968, o texto apresenta para o leitor um personagem da vida policial que dificilmente seria lembrado numa reportagem feita dentro dos moldes comuns. É o dedo-duro, o alcaguete, aquele que se infiltra no meio dos bandidos e os entrega para a polícia, sem dúvida um assunto polêmico para um período de ditadura militar no país. O caso usado pelo repórter para ilustrar a história é o de Zé Peteleco (ou Carioca), um delator. João Antônio conta a trajetória de José (nome provavelmente fictício): como foi sua juventude, primeiras oportunidades de trabalho e os motivos por que se tornou um alcaguete.

Eu ando cabreiro (desconfiado) com Peteleco. Essa peça se mudou lá pro subúrbio e eu sei que naquela paróquia (praça, lugar) anda havendo um chorrilho (série) de assaltos a residências. E o Peteleco não tem apresentado muito serviço. Sabe como é que é: quem entrega de um lado, entrega do outro, (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

4. “Um dia no cais”

Rotulado, pelo próprio autor, como o primeiro conto-reportagem brasileiro, “Um dia no cais” foi publicado primeiramente na revista *Realidade*, em 1968. No texto, João Antônio descreve 24 horas nos arredores do maior porto do Brasil, o de Santos. De dia, o trabalho na estiva, a chegada e partida de navios, a rotina de famílias pobres, de moleques jogando futebol e trabalhando como engraxates nas ruas. À noite, as aventuras dos estrangeiros pelo cais, a vida das prostitutas e dos donos de cabarés e restaurantes. Tudo isso desenrolado das cinco horas da manhã de um dia até o amanhecer do próximo. O leitor acompanha as duas protagonistas da história, Rita Pavuna e Odete Cadilaque, profissionais do sexo, à espera de um gringo para ser enganado. No caminho delas, os detalhes do cais do porto e de suas redondezas são narrados. Uma realidade brasileira, pobre, suja, marginal e bandida. O submundo, a descrição da escória, que fariam a fama de João Antônio e tornariam “Um dia no cais” a sua mais notória e conhecida reportagem.

Rita Pavuna se manda. Tocando para os lados de lá do armazém 5-6, um pedaço pesado dos cantões do cais. Boca do inferno. Morte certa no porto – conforme se diz. Ali, até polícia à paisana mede distância, não esconde o medo. Ou respeita ou cai do cavalo. Rita se indo. Lá anda cabra traquejado. Otário, fariseu, mocrongo, Manoel e Zé Mané não têm o que fazer lá. É o que se diz. Rita andando (ANTÔNIO, 1968, s.p.).



5. “É uma revolução”

Esta é uma reportagem sobre um dos maiores clássicos do futebol brasileiro: Cruzeiro x Atlético-MG, originalmente publicada na revista *Realidade*, em 1968. João Antônio conta tudo o que costuma acontecer em Belo Horizonte, em virtude do jogo. O jornalista abre o texto descrevendo a véspera do clássico, os preparativos e as provocações entre torcedores. Em seguida, faz uma retrospectiva da vida na capital mineira antes e depois da construção do estádio Magalhães Pinto, o Mineirão. Explica como a novidade afetou os hábitos dos mineiros e como aumentou sua paixão pelo futebol. Baseado nos intertítulos que indicam os horários do dia do jogo, um domingo, o repórter relata toda a preparação para a partida e descreve a movimentação dos torcedores no estádio e até fora dele, falando da cidade paralisada em função do clássico. No texto, o menos importante é o jogo em si, seu resultado. A reportagem dá vida ao entorno do acontecimento, e traz uma carga contundente de informações e números sobre o assunto, além de entrevistas com profissionais que analisam as consequências do evento na sociedade mineira.

Alguém liga a televisão, que agora mostra futebol; antecipa o que virá amanhã. Então, todos os olhos vão para o vídeo e homens e mulheres parecem sair de dentro de si, para viver, afinal, algo coletivo. É o momento esperado, o maior jogo do Estado de Minas Gerais: Cruzeiro Esporte Clube, a Raposa, versus Clube Atlético Mineiro, o Galo (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

6. “Casa de loucos”

João Antônio produziu esta reportagem para a edição de agosto de 1971 da revista *Realidade*, a partir dos dias que passou internado em um sanatório psiquiátrico, no Rio de Janeiro. Ele conta um dia inteiro da instituição, não diferente de qualquer outro, pois o tom do lugar é a rotina. Descreve cada uma das três alas da “casa de loucos”, divididas pela gravidade das enfermidades de seus ocupantes. Destaca-se um perfil, o do professor Gaspar, um esquizofrênico que diz conversar com Fidel Castro, Mao Tsé-Tung e outros líderes, e que enxerga conspirações por toda a parte. Além dele, outros personagens, como Rute, a epilética, ou Leogivildo, o faxineiro. O ritmo lento e tedioso do dia-a-dia do lugar é detalhado. As más condições em que são cuidados aqueles internos são denunciadas, com sutileza.



Mas, por enquanto, Rute está rezando – e podem contar – são mais de 6 horas, que os pássaros revoaram sobre as árvores e as coisas já se pintam de preto. Um dia acabou. Quem torcer o pescoço e olhar para o alto, para além desses muros, paredes e árvores, verá uma estrela no céu. Morre um dia, morre o sol. A noite desce sobre todos nós (ANTÔNIO, 1971, s.p.).

7. “Por que fogem nossos filhos?”

Esta é uma extensa reportagem, rica em dados e informações, sobre menores desaparecidos. Foi publicada na revista *Contexto*, de São Paulo, em 1971. O texto busca explicar quais os motivos que levam muitos jovens a fugir de casa. Pretende, ainda, orientar os pais acerca de como agir para se evitar a situação. Ilustrando com casos diversos de fugas de crianças e adolescentes, João Antônio apresenta o contexto em que se dão os fatos, inclusive acompanhando uma ronda policial, feita em uma perua, que recolhe menores à noite. Além disso, o repórter faz uma análise das estatísticas sobre os desaparecimentos. O diagnóstico diz que, na maioria das vezes, o problema está na maneira como os pais criam seus filhos. Para ratificar a avaliação, termina a reportagem com uma entrevista com a psicóloga Marianne Schreyer, do Ministério da Saúde, que tira suas conclusões e orienta pais e responsáveis sobre a educação de seus dependentes.

8. “E Judas voltou a ser malhado. Com muito fogo e muito humor (ou “Malhação do Judas Carioca”)

Esta reportagem foi publicada originalmente no jornal *Diário de Notícias*, em 1974. Relata mais um capítulo de uma tradição popular católica, a “malhação de Judas”, que consiste em bater, com pedaços de pau e outros objetos em um boneco feito de serragem, amarrado a um poste, e depois atear fogo nesse, ao meio-dia do Sábado de Aleluia. Geralmente, no Brasil, os bonecos são vestidos e mascarados como políticos e autoridades que o povo deseja malhar naquele ano.

Em 1974, quando João Antônio fez a reportagem, ainda sob o regime de ditadura no país, a malhação de Judas estava proibida. Mesmo assim, em alguns bairros do subúrbio do Rio de Janeiro, continuava acontecendo, e foi o que o repórter descreveu. Sem poder usar os nomes de autoridades, o povo vestiu os bonecos de figuras conhecidas na comunidade – o dono do boteco, o bicheiro e, principalmente, as mulheres da vizinhança. Na capa do livro *Malhação do Judas Carioca*, aparece uma foto de meninos de bairro destruindo e ateando fogo a um boneco de Judas.



9. “Está aberta a sessão”

Trata-se de uma reportagem feita para o jornal *Panorama*. Neste trabalho, publicado em 1975, o repórter acompanha uma sessão da Câmara de Vereadores do município de Londrina, no Paraná, descrevendo a atuação dos parlamentares – seus discursos, trajés, comportamento e as votações da pauta do dia. O texto registra diversos erros propositais do autor, fazendo parecer que são erros de digitação ou de português.

10. “Olá, professor, há quanto tempo!”

Esta é outra experiência feita para o jornal *Panorama*. Impedido, pelas limitações impostas pela censura, à época, de abordar certos assuntos e, inclusive, de mencionar o nome do personagem principal de sua reportagem, João Antônio apresenta, aqui, seu relato acerca de uma entrevista com Darcy Ribeiro, publicado em 1975. Havia pouco tempo que o antropólogo voltara do exílio, autorizado pelo governo ditatorial, para fazer tratamento de saúde, quando o encontro ocorreu. O repórter apenas descreve, em primeira pessoa, o passo-a-passo para a realização da matéria, sem jamais citar o nome do entrevistado – no texto o chama somente de professor.

Tímido, pelo menos a princípio chamando de senhor um homem de pés no chão do apartamento amplo, ele percebendo que eu dissimulava mal a admiração. Leve, rápido, não fumando, foi pedir café à empregada, ofereceu suco, preferimos café. Pedi para fumar. Grossura – claro que aquilo o incomodava (ANTÔNIO, 1975, s.p.).

O repórter subverte a ordem de uma entrevista comum, cuja informação sobre quem é o entrevistado seria a primeira a aparecer. Com a reportagem, além de traçar um perfil do antropólogo, o escritor aproveita para denunciar abusos da polícia autoritária, como tortura e maus tratos.

11. “Os testemunhos de Cidade de Deus”

O objetivo desta reportagem é fazer um diagnóstico da situação do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Na época em que foi publicada (1975), no *Livro de Cabeceira do Homem* – revista em formato de livro, de que João Antônio era editor – o bairro completava seus primeiros dez anos de existência e já começava a mostrar sinais de que o que era para ser uma solução habitacional para aquelas pessoas virara um grande problema. João Antônio optou por revelar isso de três formas diferentes. Na primeira parte, traz depoimentos de moradores da Cidade de Deus. Ali, a



fala dos próprios entrevistados domina grande parte do texto, ficando na voz do repórter somente a descrição do perfil de seus interlocutores e de alguns outros detalhes que compõem as cenas. Num segundo momento, que o autor chama de “Panorama Horizontal”, ele faz um relato de suas impressões do local, enquanto observador. É uma descrição detalhada e crítica sobre a vida no conjunto habitacional. A terceira e última parte do texto, chamada “Revista dos Jornais”, apresenta, cronologicamente, desde a implantação do bairro, notícias de diversos jornais sobre o lugar.

Ao analisar a incidência das seis categorias em todas essas 11 reportagens de João Antônio, o pesquisador chegou ao seguinte quadro:

REPORTAGENS	Cat. 1	Cat. 2	Cat. 3	Cat. 4	Cat. 5	Cat. 6
4.1 A Lapa acordada para morrer	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Variável
4.2 Nelson “Cavaquinho” vai cantando a dor dos outros	Presente	Presente	Presente	Ausente	Presente	Presente
4.3 Quem é o dedo-duro?	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente
4.4 Um dia no cais	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente
4.5 É uma revolução	Presente	Presente	Ausente	Variável	Presente	Ausente
4.6 Casa de loucos	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Ausente
4.7 Por que fogem nossos filhos?	Presente	Presente	Presente	Ausente	Ausente	Ausente
4.8 E Judas voltou a ser malhado. Com fogo e muito humor	Presente	Presente	Presente	Presente	Variável	Presente
4.9 Está aberta a sessão	Presente	Presente	Ausente	Presente	Variável	Presente
4.10 Olá, professor, há quanto tempo!	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente
4.11 Os testemunhos de Cidade de Deus	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Variável

Fonte: COSTA, 2010, s.p..

Considerações

Como se percebe pelo quadro de incidência das categorias, na maioria das vezes, João Antônio foi coerente com suas premissas. De forma geral, ele estava agindo de acordo com suas ideias e, portanto, demonstrando o valor dessas. Em princípio, o que o escritor mostra é a viabilidade de seu modo de fazer literatura e jornalismo. Contudo, mais necessário é destacar que o autor experimentou e defendeu uma nova forma de se fazê-lo, com ousadia, com uma linguagem renovada, com uma profunda imersão nas situações reportadas. Isso ainda pode ser amplamente explorado, por apontar tendências pouco desenvolvidas na reportagem.

Sobre a primeira categoria – combate à preocupação com formas ligadas apenas a movimentos literários, em detrimento de conteúdos que contemplem a realidade social brasileira – vale ressaltar que o apuro que o escritor tinha com sua obra não pode ser



negado. Contudo, não era a despreocupação total com a forma que João Antônio pregava, e sim, a prioridade para a revelação da realidade brasileira. Ainda que num diagnóstico superficial, pode-se dizer que isso contradiz as ideias de Süsskind (1984, p.37), que afirma que a literatura brasileira, fortemente influenciada pelo Naturalismo, “nega-se enquanto ficção, enquanto linguagem, para ressaltar o seu caráter de documento, de espelho ou fotografias do Brasil”. João Antônio não precisava desapegar-se da linguagem para fazer sua denúncia.

Muito fatores influenciaram o pensamento de João Antônio, para que o escritor chegasse ao manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”. Ele exerceu a profissão de jornalista durante um período de censura e perseguições políticas, o que deve ter imposto restrições às quais ele se opunha, que só aumentaram seu vontade de denunciar problemas sociais brasileiros da época. O fato de ter aproximado jornalismo e literatura trouxe toda a carga de efeitos que, historicamente, essa combinação possuía. Além disso, o autor estava conectado a outros movimentos que surgiam pelo mundo, nessa mesma linha, nunca desperdiçando a herança de escritores realistas-naturalistas brasileiros. Em redações abertas para a experimentação, como as da revista *Realidade* ou do jornal *Panorama*, encontrou a liberdade de que precisava para exercer sua verve.

João Antônio era um homem de origem pobre. Criou-se nos ambientes do trabalho humilde, da malandragem e da “viração”. Era frequentador de mesas de sinuca, botecos e casas de samba. Nada mais natural que quisesse retratar assuntos ligados a um submundo que conhecia de perto e àquela que acreditava ser a verdadeira expressão da cultura e dos hábitos do Brasil. A música popular do país, apenas para citar-se um exemplo, foi pauta de muitos textos dele. Mas é no lumpem, nas camadas mais baixas e sofridas da população, que ele foi buscar a maioria de seus temas, diferentemente mesmo de pares de sua geração. Em “Corpo-a-corpo com a vida”, o escritor apresenta, então, a partir de seu olhar sobre a profissão, sua visão de sociedade. Esse caráter de denúncia social preconiza um objetivo para o jornalismo e a literatura praticados no Brasil, o que contribui para o debate sobre o papel da imprensa na sociedade e abre caminhos para outros estudos.

A análise apresenta uma tentativa de encontrar um parâmetro para medir a congruência de jornalismo e literatura. A história da convergência das duas áreas deu a luz a muitas e distintas experiências. Há ideias presentes no manifesto (ponto de vista de dentro para fora, postura participante do repórter e forma determinada pelo tema) que merecem melhor análise nos meios acadêmico e profissional. Esses preceitos bem



podem ser aplicados ou buscados em obras de outros autores ou no trabalho desenvolvido em diferentes publicações pelo Brasil. Tentativas contemporâneas de convergência de jornalismo e literatura, como livros-reportagem ou revistas, apontam que há um campo fértil para que esse trabalho seja ampliado.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. **Ô Copacabana!**. São Paulo: Cosac Naify, 2001. 144 p.

ANTÔNIO, João. **Dama do Encantado**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. 118 p.

ANTÔNIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 152 p.

ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. 184 p.

ANTÔNIO, João. **Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!**. São Paulo: Scipione, 2007. 80 p.

ANTÔNIO, João. **Abraçado ao meu rancor**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 244 p.

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 224 p.

ANTÔNIO, João. **Dedo-duro**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 176 p.

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. **João Antônio: Repórter de Realidade**. João Pessoa: Ideia, 2002. 135 p.

BOSI, Alfredo. **Comentário crítico**. Disponível em:
<http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm>. Acesso em: 10 mai. 2010.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.

CANDIDO, Antonio. **Comentário crítico**. Disponível em:
<http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm>. Acesso em: 10 mai. 2010.



CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002. 180 p.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas**. Brasília: UnB, 2007. 278 p.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: Escritores jornalistas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 400 p.

COSTA, Jônatas Oliveira da. **O jornalismo de João Antônio: um corpo-a-corpo com a vida**. 2010. 68 p. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HOLLOWELL, John. **Realidad y ficcion: El Nuevo Periodismo y la novela de no ficcion**. México, D.F.: Noema, 1977. 240 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1995. 372 p.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996. 248 p.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de; ORNELLAS Clara Ávila; SILVA, Telma Maciel da (org.). **Papéis de escritor: Leituras sobre João Antônio**. Assis: FCL - Assis - UNESP - Publicações, 2008. 216 p.

RAMOS, Ricardo. **Comentário crítico**. Disponível em:
<http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm>. Acesso em: 10 mai. 2010.

RÓNAI, Paulo. **Comentário crítico**. Disponível em:
<http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Comentarios.htm>. Acesso em: 10 mai. 2010.

SÛSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 203 p.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245 p.